

Mapas da imaginação e da matéria

Juntar dois artistas bem diferentes num mesmo espaço de exposição, que, no caso desta galeria, conserva a intimidade do apartamento residencial que lhe está na origem, torna-se imediatamente um convite à pesquisa dos laços que os unem, bem como dos contrastes que podem servir para iluminar mutuamente os seus trabalhos. Além da diferença de idade que os remete para gerações bem diferentes — Luisa Correia Pereira (LCP) viveu entre 1945 e 2009 e Sérgio Carronha (SC) nasceu em 1982 — apercebemo-nos imediatamente da diferença dos suportes entre as aguarelas, guaches e outros média sobre papel de LCP o que nos remete para uma prática tradicional e os barros, as placas de mármore ou xisto pintadas com terra, as construções com galhos de árvore e os pigmentos naturais de SC materiais ‘pobres’ e não tratados que implicam da parte do artista um corpo a corpo com as mais simples e comuns matérias.

Esta diferença de materiais e suportes não impede, no entanto, uma comum situação digamos, paisagística entre os materiais vindos da terra de Carronha e os “caminhos da montanha” de Luisa que se articulam como uma soma de sinais em vias de se tornar simultaneamente escrita e mapa, numa espécie de guia imaginário, enquanto os fragmentos de Sérgio funcionam como exemplos de uma linguagem possível pois são igualmente guias ou memórias de um percurso do “corpo sobre e terra” como diria Alberto Carneiro. Temos assim de um lado os fragmentos de um grande todo material ordenando-se numa espécie de discurso (Sérgio) e, do outro, encontramos a evocação de um território, ou melhor, o mapa do território imaginário que Luisa vai construindo à medida que o imagina. É através das suas diferenças que estas obras acabam por coincidir, comunicar entre si e comunicar



Escultura de Sérgio Carronha e papéis de Luisa Correia Pereira, na galeria Caroline Pagès, em Lisboa

connosco, obrigando-nos a entrar nessa espécie de paisagem imaginária que é esta exposição a partir da terra, da madeira e da pedra e, sobretudo, a partir de uma invenção que parece anular o tempo, ou transformar o presente da nossa contemplação das obras num lugar *senza tempo* de contínua descoberta. / J.L.P.



LES CHEMINS DE LA MONTAGNE JAUNE

Sérgio Carronha & Luisa Correia Pereira
Galeria Caroline Pagès, Lisboa, reabre
segunda-feira, até dia 15